

## **Você acha a boneca bonita? “Horível”: violências raciais e as marcas do racismo estrutural na ecologia da educação infantil**

Ângela Silva (UEL)  
angela.silva10@uel.br

Francismara Neves de Oliveira (UEL)  
francis.uel@gmail.com

Ana Carolina Mexia Aleixo (UEL)  
ana.carolina.mexia@uel.br

### **1 Introdução**

O presente trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado em andamento, tem como objetivo discorrer sobre as violências raciais e as marcas do racismo estrutural presente na ecologia da educação infantil. Durante a coleta de dados e o trabalho desenvolvido com as crianças de Educação Infantil numa turma de 4 anos no município de Londrina vários aspectos da formação do desenvolvimento infantil chamou-nos atenção, em particular a relação do mesossistema escola e família e como as crianças interatuam nos espaços da Educação Infantil, como significam suas aprendizagens e comportamentos. Bronfenbrenner (1996) apresenta que a família tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança, e essa criança é afetada por fatores ligados diretamente ao microsistema na qual está inserida como as influências da família e da escola, mas também de outros processos que a afetam de forma indireta, mas que está presente nas camadas sociais, ou seja, o macrossistema ao qual se desenvolve os processos ideológicos, políticos e culturais. A partir desse contexto de aprendizagem a criança está propensa a se desenvolver, no entanto, ou poderá ter seu processo de desenvolvimento afetado a depender de como ela é influenciada por esses ambientes, e de como ela os afeta.

Na ecologia do desenvolvimento, interatuam relações intergeracionais que afetam o modo como o racismo vai sendo compreendido ao longo do desenvolvimento, nas distintas interações parentais e escolares (BRONFENBRENNER, 1996).

As crianças expõem de forma espontânea seus afetos e desafetos, ao serem questionadas sobre suas preferências, são diretas. Por meio da brincadeira é possível construir hipóteses de como a criança assimila os valores sociais e culturais da sociedade.

A violência racial muitas vezes não é percebida pelos professores que não compreendem como o racismo se materializa nos espaços institucionais, a violência racial se camufla em brincadeiras, mas para a vítima, a violência racial se torna constante, assim, “ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais do Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro” (SOUZA, 1983, p. 2).

O ideal de padrões estabelecidos pela sociedade de um corpo branco tido como belo é visto como algo natural ao passo que essa naturalização cristaliza conceitos que vão sendo incorporados pelas crianças nos anos iniciais da Educação Infantil. Ao observar situações como a rejeição à boneca negra, dita como “horrrível”, pode ser compreendida como a extensão da rejeição a totalidade dos corpos negros, que são apresentados então, como inferiores e não belos.

## **2 Desenvolvimento**

Apresentamos a seguir um recorte dos resultados gerados por meio da análise de dados de uma das propostas de intervenção pedagógica. A proposta era identificar a partir dos discursos infantis como as crianças constroem suas percepções sobre os padrões de beleza que estão representados nas suas vivências. Foram apresentadas às crianças bonecas negras de tecidos, construídas artesanalmente e de diferentes tonalidades de pele, a preocupação em ofertar bonecas de tecido foi quebrar com estereótipos de que as bonecas negras não são bonitas, além de considerar que muitas crianças não têm acesso, e não brincam com bonecas negras. Disponibilizamos também as bonecas de plástico da escola, as quais já estavam habituadas a brincar.

A cena que será descrita a seguir, apresenta como a apropriação de um padrão de beleza eurocentrada que legitima a aceitação do branco e belo, apresenta negação da cor negra:

Bintu estava brincando de boneca com uma colega e eu me aproximei ao perceber o diálogo das crianças. Questionei-a: - *por que achou a boneca dela feia?* - Ela me olhou, e disse (apontando para as três bonecas de plásticos brancas, e uma preta) - *eu achei só essas bonitas.* - Insisti e apresentei uma boneca preta de tecido, com os cabelos *Black Power* e perguntei: - *você acha ela bonita?* - e ela respondeu - *Horrível.* Questionei novamente o porquê de achar a boneca horrível, e ela respondeu: - *ela é feia* - (apontando para a boneca) continuou - *essa roupa é feia, esses negócios...* - expliquei que a boneca era uma médica, por isso a roupa e a máscara de proteção. Ainda assim, balançou a cabeça de forma negativa. Entreguei a boneca para a colega do lado e a ação imediata de Bintu foi arrancar a boneca das mãos da colega e jogar e repetiu o mesmo ato com a outra boneca de tecido que a colega estava brincando. Ao questioná-la porque jogou a boneca ela ignorou, pegou duas bonecas brancas e continuou a brincar (Diário de campo, 29/11/2022).

O racismo opera diariamente na ecologia escolar. Os dados apresentados nos fazem refletir sobre como as crianças negras estão experienciando as vivências escolares, e como o ato de ignorar e aceitar “brincadeiras” como a descrita acima podem contribuir para a negação da construção de identidade das pessoas. Ao negar o seu corpo em busca de um padrão embranquecido, as crianças podem acabar acessando as relações proximais de forma reducionista, injusta, preconceituosa, desumana e violenta, o que não colabora com seu processo de desenvolvimento ou com as inter-relações no microssistema escolar de maneira saudável, ética, justa, humana e igualitária.

Considerando que as práticas de racismo e preconceito são construídas socialmente, a mediação e o trabalho voltado para as relações raciais são fundamentais para uma sociedade menos segregacionista. “A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado” (FANON, 2008, p. 90).

A concepção sistêmica de desenvolvimento favorece que se busque quebrar o silêncio sobre o racismo na primeira infância, buscando estratégias que contribuam para a desconstrução de padrões de beleza, estereótipos e preconceitos, pois, os padrões que foram sendo desenvolvidos historicamente e, na atualidade, demarcam um modelo estereotipado que, inserido no subjetivo das crianças, ferem a possibilidade da

representatividade e de ter a consciência de sua beleza. Assim, é urgente pensar em propostas para a construção de uma autoestima positiva, que valoriza os fenótipos da

população negra, em especial, cor de pele e cabelo (GAIDARGI-GARUTTI, ROMÃO, 2020; SANTOS, 2021).

### **3 Considerações Finais**

A brincadeira de boneca nos colocou diante de uma materialização da violência racial que perpetua nos corpos negros. O racismo estrutural com seus mecanismos de opressão violenta, silencia e nega a existência da beleza negra. É necessário, e urgente pensar em ações efetivas que façam com que as crianças passem pela Educação Infantil com vivências positivas da sua negritude.

Pensando no ambiente escolar da educação infantil, é necessário que se abra um espaço de observação, diálogo, reflexões e comunicação, para uma transformação intencional por parte dos professores, que precisam desenvolver uma tomada de consciência sobre as relações étnico-raciais que é de extrema urgência e relevância.

### **Referências**

BRONFENBRENNER, U. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados (VERONESE, M. A. V. Trad.). Porto Alegre. Artes Médicas, 1996.

GAIDARGI-GARUTTI, A. M. M.; ROMÃO, J. E. Preconceito e educação infantil: a gênese dos comportamentos segregacionistas na primeira infância. Cadernos de Pós-graduação, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 33-47, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/cpg.v19n2.18366>. acesso dia 23 de outubro de 2022.

FANON, F. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador. EDUFBA, 2008).

SOUZA, N. S. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983.